



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano XIV — N.º 341 — Preço 1\$00
30 DE MARÇO DE 1957

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS
Vales do correio para Paço de Sousa — Avença — Quinzenário

FUNDADOR
PADRE AMÉRICO

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

SETUBAL

Com tantos gemidos dados à nossa porta, era impossível sustentar por mais tempo o anseio dos rapazes em socorrer os Pobres que, desde o alvorecer ao findar do dia, aqui faziam romagem. Mandávamos esperar na casa de cada um, por via de abusos, mas aqueles tornavam, num regressar mais pungente de quem vive torturas. E, a Conferência começou. O Bucha, mais os seus companheiros, lá vão semanalmente a Algeruz. E como é salutar esta ida! Despertalhes o sentido social. Opera neles transformações radicais. Libertam os do egoísmo grosseiro de que enfermamos todos, para os levar a dedicarem-se generosamente e em caridade aos outros. No íntimo destes jovens vicentinos há-de ecoar tantas vezes uma prece de louvor a quem de igual lodo os libertou! Esta ida é um bem. E dos maiores nas Casas do Gaiato. Virtudes humanas e virtudes cristãs por ali afloram e com pujança.

Ainda por aquela ida, mantemo-nos a par dos «ais» de cada Pobre. Se ele é falta de pão, ele é tantas vezes a carência de torrão para uma casa. «Ai que se eu tivesse uma nesga de terra!». A dificuldade está unicamente no terreno. Materiais surgem. Mão d'obra aparece na solidariedade dos vizinhos, uns de carpinteiro, outros de pedreiro. É, pois, hábito por estes sítios e nestas circunstâncias, cada qual contribuir com seus préstimos e deles resultar obra acabada. Os torrões, porém, faltam. Ou antes, a boa vontade em repartir ou ceder. Ele é aqui, ele é por toda a parte. Como a nossa Casa de Setúbal é miradouro do Alentejo dela espreitamos e nela colhemos reflexos do que sobretudo por ali vai.

Todos os bens foram dados ao homem para este, por meio deles atingir o seu fim último. Portanto, viver para possuir, como aliás se verifica, é desvirtuar o sentido da existência humana. É certo que o direito de dispor sem entrave dum bem material é natural ao homem, contudo não é ilimitado. Ninguém pode arrogar-se o direito de autonomia absoluta sobre os bens que disfruta. Há a limitação moral proveniente do duplo destino providencial para que existem os bens deste mundo: dar a cada um o necessário à vida e servir o bem comum. Daqui se conclui que o proprietário não pode subtrair ao bem de todos o supérfluo, conservando improdutivo e inutilizado o que podia ter função social e, muito menos, esbanjá-lo. Acon-

te, porém, por um lado o «bom tom», não deixa delimitar as barreiras do necessário e um casaco de vinte contos é coisa obrigatória; por outro lado, o «seguro de vida» não permite a amputação de pecúlios desmedidos ou áreas quilométricas, sob pena de mendicidade na velhice. Veredas humanas a conduzir à ambição, à injustiça, ao esquecimento dos direitos alheios. Desapegar o homem do terreno, só a morte ou o Evangelho!

Veze sem conta se tem feito ouvir a voz da Igreja a despertar consciências para o sentido comunitário dos homens e em rota comum à eternidade. Mas os ouvidos tapam-se e as vistas encurtam.

Obra social louvável seria a imposição de partilha daqueles bens que excedem e superabundam às necessidades do indivíduo, quando o bem comum reclama. Facilitar o acesso à propriedade particular é tarefa, não somente honrosa, mas que incumbe a quem defende os direitos da Sociedade, porque se trata de direito enraizado na natureza do homem, necessário à consecussão do seu bem estar temporal.

Ora, os nossos Pobres suspiram por um bem legítimo que lhes é regateado. Aqui fica a mágoa que palpita no peito de tantos deles. Quem acode?

Padre Baptista

Património dos Pobres

Desta vez tomámos o rumo da Beira Alta. A primeira paragem foi em Loriga. O Pároco pediu-nos para falarmos à estação da Missa e nós tomámos como tema a Epístola de S. Paulo que canta um hino sublime à Caridade.

Se falarmos todas as linguas dos homens e compreendermos a linguagem dos Anjos e não tivermos Caridade, somos como o som do sino que tine e o vento leva. Se tivermos fé capaz de mudar uma montanha e tivermos o dom da profecia e não tivermos Caridade, nada somos. Se distribuímos tudo aquilo que possuímos pelos pobres e não tivermos Caridade, de nada nos vale.

E dissemos mais que se as nossas igrejas se encherem de fiéis e as praças públicas ficarem desertas, mas se não

Facetas de uma Vida

Segundo narrativa de D. Maria Monteiro de Aguiar, coligida por seu neto José Guilherme Allen Brandão Borges

«Bem-aventurado aquele que cuida do pobre e do desamparado! No dia mau o Senhor o livrará».

Esta proclamação de confiança era muitas vezes repe-

1888 nasceu na casa do Bairro da freguesia de Galegos, concelho de Penafiel, um rapaz que era o oitavo e foi o último filho do casal Ramiro Monteiro de Aguiar, natural



tida pelo Padre Américo e fica bem como introdução às notas que sobre a sua primeira infância pode ainda fornecer sua irmã e madrinha, D. Maria Monteiro de Aguiar.

Esta veneranda Senhora que lhe sobrevive conta assim alguns incidentes de que se recorda:

— Em 27 de Outubro de

de Galegos e Teresa Ferreira Rodrigues da casa de Antelagar em Paço de Sousa.

Quando o menino foi levado a baptisar à paróquia de Galegos, já estava assente na casa paterna que receberia o nome de Adriano.

— Olha, Micas, dizia a mãe à futura madrinha, o menino vai chamar-se Adriano.

Mas não aconteceu assim. O padrinho, Joaquim da Rocha, tio do neófito, tinha em mente outro nome. Na igreja, quando o abade António da Rocha Reis perguntou, como de costume, que nome teria o menino, a madrinha respondeu pronta:

— Adriano, senhor Abade; Adriano.

Mas do lado o padrinho obtemperou com a sua voz grossa e autorizada, pois era tio e podia impôr-se:

— Não, senhor Abade; Américo, Américo é que vai ser. É o nome do Senhor Bispo do Porto.

E assim, àquele que viria a ser também uma grande figura da Igreja foi dado, e intencionalmente, o nome do grande Cardeal que tanto ilustrou a sede portugalense.

Chegados a casa, a madrinha, num desapontamento, correu ao encontro da mãe para lhe dar a nova:

— Minha mãe, o menino não se chama Adriano. O tio Rocha não deixou. Quis que se chamasse Américo e foi Américo que ficou.

A mãe conformou-se, mas contrariada:

— Ora! Gostava tanto que se chamasse Adriano!...

x x x

Depois o menino foi crescendo. Sofreu as crises e doenças comuns nas crianças de tenra idade. Mas a certa altura, ainda muito pequenino, surgiu um caso sério que alarmou toda a família. O médico chamado diagnosticou uma pneumonia e não ocultou que a vida da criança corria perigo.

Corria o tempo muito frio. Tinha nevado, coisa de que há muito tempo não havia lembrança.

A mãe, aflita com a ideia de perder o seu filho, resolve então metê-lo consigo na cama, resguardando-o contra o frio ambiente a acalentando-o com o calor do seu próprio corpo. Assim o teve três dias e três noites, velando incessantemente pela sua cura.

Quando o médico voltou ficou surpreendido ao verificar que o pequenino doente tinha melhorado consideravelmente e havia boa esperança de o salvar.

Explicaram-lhe o que a mãe

— Continua na 2.ª página —

— Continua na 4.ª página —

DOCTRINA

CALVÁRIO

Transcrevemos no passado número sob esta epígrafe, um pequenino trecho da longa exposição com que o Snr. Ministro das Corporações apresentou ao país a proposta de Lei sobre a habitação para os humildes.

Tanto ou mais do que aquele excerto, este documenta a preocupação de resolver um problema de Justiça imediata, dando aos capitais de reserva da previdência uma utilização que beneficie já a geração que os subscrive. Ora ouçamos:

«Pela sua natureza e pela sua função peculiar, eles (os capitais de reserva da previdência) ajustam-se bem a tão alta finalidade, como é a de proporcionar casa condigna aos trabalhadores. Se é das remunerações directas do trabalho que aqueles valores saem, nada mais justo do que promover o seu emprego, na medida do possível e do conveniente, em obras que possam reverter em favor de quem os constitui».

«Nada mais justo... na medida do possível e do conveniente». Sente-se o cuidado de uma Justiça muito ampla que retribua já o que, por conceito, deve: a cada um aquilo a que cada tem direito; mas sem prejuízo da fructificação futura. Por isso, «na medida do possível e do conveniente».

Mas logo se acrescenta, na compreensão inteligente o fiel das potencialidades próprias da Justiça, que «essa utilização não deixará de produzir na economia das próprias instituições (reflexo favorável) através da natural e compensadora baixa do encargo-doença que a casa mais saudável e mais perto do local de trabalho, certamente torna possível».

Nem sempre se encontra uma visão tão universal dum problema complexo, ao procurar-lhe solução para uma das incógnitas, na certeza de que entre todas há uma relação funcional de íntima dependência. O problema é complexo, porque é o problema do homem. É uma equação a muitas incógnitas. A sua análise é trabalhosa e difícil. Por isso, tanta vez se cai na tentação de dar por conhecidas algumas variáveis, tão arbitrariamente!, e se resolvem em teoria problemas do homem que não satisfazem ao problema do homem.

A grande alegria que cresce em nós na medida em que avançamos na leitura da exposição, vem da mentalidade que dita estes novos rumos, impregnada da preocupação do homem, ainda tão mal ferido pelo atropelo das correntes liberais e agora tão ignominiosamente negado pelos conceitos socialistas.

E no entanto é o homem o grande objecto das aten-

ções divinas. É ele que é a imagem e semelhança de Deus. Sim, é verdade que a sociedade também o é, porquanto Deus é sociedade de três Pessoas na unidade, específica e numérica, de natureza. Porém, sociedade de Pessoas, que são cada Uma a infinita divindade. A sociedade é sempre a consequência da pluralidade de pessoas.

Portanto, primeiro é a Pessoa que a sociedade na ordem dos conceitos, na ordem dos valores e, quanto às criaturas, até na ordem da existência. Sociedade perfeita é a que une pessoas por laços de mútuo amor.

A Trindade Santíssima é o

exemplar perfeito da sociedade.

Aquelas que se formam na negação das pessoas que as constituem, são blasfemas; trazem em si o germe da sua morte.

Mas até que morram, quanto não sofre o homem!

Ora sempre que nós vemos tratar os problemas do homem de olhos fixos nele, posto no lugar onde Deus o pôs, não podemos deixar de sentir uma grande alegria e de louvar a Deus e de pedir-Lhe para os responsáveis da trabalhosa e difícil equação, luz e constância até que se encontre o verdadeiro valor da deradeira variável.

PATRIMONIO DOS POBRES

— Cont. da 1ª. pág. —



Aqui, Figueira de Castelo Rodrigo. «Estão duas já habitadas e há muita urgência em construir muitas mais».

caminho e visitámos Tranco, onde estão duas habitadas, duas a construir e outras seguem.

Aproveitámos o resto da tarde e fomos visitando outras terras. Quando chegámos a Casa, já todos estavam deitados.

Trouxemos impressões muito boas mas também as trouxemos más. Visitámos um dos braços duma vila e encontramos ali um estendal de vidas humanas. Em vilas ainda não tínhamos assim encontrado. Toda a miséria social e moral está ali junta. É um abandono humano. Fazem umas paredes de qualquer coisa e metem-se famílias lá dentro e não há mais nada. Nem divisões, nem janelas, nem soalhos, nem nada.

Entrámos num destes antros e encontramos somente um montão de palha moida e bolorenta, uns ferrapatos sujos, duas panelas ferrujentas e uns cacos e dizem-nos que ficam ali três famílias de vinte e cinco pessoas. Espreitámos por mais portas e vimos o mesmo. E pagam uma média de sessenta escudos mensais. O Sr. Prior informa-nos que um dos proprietários vai à igreja todos os dias e se aproxima do Altar, embora os outros nunca lá ponham os pés!

Nós não comentamos, mas temos que dizer aos párocos que devem pregar a Doutrina como ela é. A Doutrina Cristã ensina deveres de Caridade e deveres de Justiça. Não esqueçamos os Pecados que bradam ao Céu.

Em algumas terras o problema número 1 é ajudar os pobres a arranjar a sua casinha. Dar-lhes uma ajuda e orientá-los. A casinha deles pode ser muito fraca, mas é deles. Ajudá-los é igualmente cristão e mais educativo.

Outro ponto importante é o não deixar habitar os lugares imundos donde saem os que vão habitar as casas do Património. Aliás, não resolvemos nada. Pedimos para isto a atenção e boa vontade dos Presidentes da Câmara e Delegados de Saúde.

Encontrámos também uma casa do Património que geralmente não é habitada pela família a quem foi dada. Vivem a maior parte do tempo fora. Ora as casas são do Património dos Pobres. Se uma família não precisa, tem direito outra que necessita. Esta é a Doutrina.

Padre Horácio

Visado pela
Comissão de Censura

O lugar do «General» já tem ocupante. O Edmaro esperava no Tojal a abertura do Calvário. Porém, como queremos manter ali, desde já, uma «semente» de dores que a seu tempo será transplantada, trouxemo-lo para a pequena instalação a funcionar.

O Edmaro não é desconhecido dos leitores. Padre Baptista falou-nos dele há meses. E eu, agora, torno a dizer de como Deus é maravilhoso nas Suas obras. De como é possível colher simpatia dum rapazito torto, anormal, irrecuperável. Mas, a verdade é que o Edmaro deixou saudades e, ainda há dias, os rapazes de Beira não me permitiram que o trouxesse. «Deixe o rapaz...» E eu deixei.

Ontem tive uma carta de Itália, de Turim, onde se falava muito na «Pequenina Casa da Divina Providência». Como eu gosto daquele adjetivo «pequenina» a respeito de uma quase-cidade que cobre 20.000 metros quadrados e abriga 13.000 almas!

O grão de mostarda, pequenino, que um dia será árvore frondosa! É o Evangelho, sempre actual, em todos os séculos!

No Edmaro, o «pequenino grão de mostarda», nós antevemos e gozamos a frescura e o perfume da Caridade que um dia, não muito longe, Deus ali fará brotar. E fogueiros o medo de que não apareça o «citreu» de tamanha Cruz.

Enquanto não surge quem perca a vida para ganhar a Vida, vamos dando conta daquelas que dão suas ofertas com tanto empenho, que de algum modo também podemos dizer, que se dão.

Começemos pelos que voluntariamente se comprometem a marcar presença, mês a mês. «Vão os habituais 100\$, desta vez um pouquinho mais atrasados». É «alguém que muito quer à Obra e pouco lhe pode dar». A assinante 31.028 envia 20\$ por Fevereiro e o mesmo por Março. E antes da esmola material está a prece de benção: «Que Deus proteja sempre a Obra da Rua que tanto bem faz aos seus protegidos e àqueles que têm a felicidade de a conhecer e compreender na sua essência».

Não faltam os 100\$00 do «amando os homens por amor a Deus» e uma «migalhinha» de cinco vezes mais de Celeste de Lourenço Marques.

Do Montepio Geral, em Lisboa, chegam-nos novas de 500\$ mais 50\$.

É o tempo de sementeiras e plantio. Andávamos pensando na zona de protecção à Capela já construída em Beira. Os Viveiros de Castromil resolveram-nos o problema. Ele, cedros «cupressus», ele doutras famílias, ele árvores e flores de mais espécies. Não é a primeira nem a segunda vez que achamos aber-

tas as portas de Castromil. Nem será a última!

O Zêquita, crónista da Casa do Gaiato de Beira, já umas duas vezes fez queixa de que eu guardo em Paço de Sousa o que os Senhores dão para lá. Realmente há tempos veio um Rádio-gira-discos tão formoso, que eu tive pena dele na mão de Zêquita e companheiros e tenho-o aqui para exhibições culturais. Pois houve alguém de Oliveira de Azeite que ouviu os protestos do Zêquita e acudiu.

E aí tive eu de ir mais ele buscar um Telefunken, pois a outro não seria entregue. Ora vejam os senhores por onde andam os meus créditos!

Mais, de Lisboa, uma caixa de ligaduras amorosamente preparadas e seis toalhas de rosto, de algures.

Tudo quanto foi dar ao Espelho da Moda e 300\$00 «por alma de meu Pai, que chamava Luís» e 1/3 por alma de Francisco e o mesmo de «uma admiradora de todas as iniciativas do Pai Américo». Quem o não é?!

Da Beira, 50\$ «duma Maria» e três vezes mais de Lisboa de alguém «que sempre que posso «visite» o Montepio».

Cem de Braga da assinante 6.205, metade de Dáfundo e o dobro de Abrantes de uma senhora por intermédio de outra. Mais 25\$00 de Vila Real e esta afirmação de posse, que é declaração de amor e de responsabilidade assumida:

«Que o Pai Américo, junto de Deus, continui a presidir à sua Obra — à nossa Obra. Porque Ela, hoje já não é só dele, mas de tantos portugueses que a fizeram sua».

E termino com três testemunhos de vida, porque de Fé alimentada pela Caridade:

«Não obtive a graça que pedi, mas parece-me que mesmo assim me sinto na obrigação de mandar o que havia prometido se a obtivesse. Aí vão os 50\$00 para o Calvário».

«Envio-lhe uma pequenina lembrança (100\$) das minhas alunas que são pobrezinhas e não juntaram mais por esse motivo».

Das alunas da Escola Feminina do Calvário e Gestosa».

«É pouco, muito pouco mesmo, mas é o que posso dispende e só tem uma virtude ser o bilhete que tomo para ter o direito de colaborar naquilo que é o espanto de todos, até mesmo daqueles que julgam saber o que é Fé».

Grandes obras que têm o sabor do Eterno, que nós ensinam o verdadeiro sentido da Caridade, virtude que parecia ser apenas dos Evangelhos; que nos dizem o que é a Vida dos humildes tão esquecidos no século das fluorescências e dos prazeres, que nos mostra afinal o único gozo, o Bem, o único que nunca acaba, que nunca cansa, que sempre satisfaz».

Dar de comer a quem tem fome

Ao fazer um dia um inquérito, perguntei a uma mãe o que pretendia eu pedisse no mesmo. «Eu só queria leite, para poder criar os meus filhos», respondeu-me. O marido tinha medido a altura dum cerejeira e estava de cama. Os filhos pequenos, e cada ano o seu, gemiam com fome. Um suíno, o arranjo da sua casinha, tinha morrido de doença. A terra o comera. Aquela Mãe, carregada com a Cruz, não pedia mais nada. «Só queria leite». E precisava de tantas coisas aquela pobre arrendatária, sem eira, nem beira. Diante desta mulher que queria cumprir o dever de criar os filhos que o Senhor lhe dava, senti a alma oprimida pela sua dor. Estava fundado o Lactário de Ordins. Fundou-o a sua dor. Porque era preciso atendê-la, é que se criou. Os Pobres são os fundadores dos Hospitais, Patronatos, Casas de Trabalho, Lares de Velhinhos e de todas as obras de caridade. Aqueles senhores que nas salas de visita destas casas nos aparecem em pintura são os que ouviram o apelo do Pobre, apelo de Deus, se não são, antes, poeira levantada.

Por outro lado o nosso Dispensário ficaria incompleto se, tendo médico e produtos farmacêuticos, não contasse com o Lactário para os doentes, velhos e crianças, gestantes e lactantes.

Para a consecução de fundos, parti do princípio que seria preferível haver as duas obras, Lactário e Conferência Vicentina, sendo aquele agregado a esta, do que apenas a Conferência com todas as atribuições.

É que não seria fácil conse-

guir-se um aumento das cotas dos sócios da Conferência, mas talvez não fosse difícil que os mesmos contribuintes o fossem igualmente do Lactário. Além disso, talvez houvesse pessoas que preferissem ser subscritores deste e não daquela, porque p. ex., já o eram na sua paróquia.

Ainda como receita, contamos com a participação dos Pobres assistidos pelo Lactário, com excepção dos mais necessitados, a quem se dá o leite gratuitamente. Se um Pobre paga ao lavrador 30\$ mensais, recebendo 0,50 l. diários, não poderá participar p. ex. com metade ao Lactário e recebendo 0,75 l. ? Num inquérito-relâmpago sabese da situação económica do Pobre e vê-se com quanto poderá, mais ou menos, entrar. Além dum auxílio, as participações fazem parte da caridade educativa. O que não custa nada, e no dia seguinte se torna a receber, acaba por não ser estimado. Habitado à miséria, o Pobre fazia a primeira refeição com pão seco. Passando a receber leite, não terá os cuidados que este alimento requere e facilmente o deitará fora, se lhe notar defeitos, embora pequenos. Tudo isto, porque nada lhe custou, e, no outro dia, volta a recebê-lo. Ora se ele «sangrar», concorrendo, embora com um pouquinho, achará outro sabor e estimará melhor o que lhe damos. Mesmo assim, pode haver desvios. A uma infeliz estava a dar o Lactário 0,75 l. diários, em troca de 5\$00 mensais, com participação que se exigia. Soube-se agora que, em vez de o gastar na alimentação própria e dos filhos, reservava cerca de 0,50 l. diários para um furão...

Não foi despendida a participação dos assistidos, pois cobriu em 1956 23,74% da despesa feita.

O Dispensário Médico também auxilia o Lactário: o doente tem direito à consulta e medicamentos, mediante uma senha que lhe custa 2\$50 cada vez. Exceptuam-se os muito pobres, para quem tudo é gratuito. Conseguiram-se assim em 1955, 787\$00 e em 1956, 410\$50, verba que pertence ao Lactário.

Beneficiou-se, ainda, de preços especiais na aquisição do leite. Enquanto todos o compravam a 2\$00 o litro, nós conseguíamos-lo a 1\$50 e 1\$60. Isto em 1955, porque, no ano seguinte, passámos a recebê-lo, não já dos lavradores, mas da Fábrica de Lactínios de Valpedre, que em Ordins tem um posto de recolha de leite, a preços mais em conta. Bem haja por tudo aos nossos benfeitores.

Não falando já dum subsídio de 2.500\$ que nos permitiu alargar a nossa acção beneficente, de tudo lançamos mão para conseguirmos verba. Se já não juntamos frascos inteiros ou partidos, por não termos local de arre-

cadação, o mesmo não sucede com os selos usados. Ainda há pouco vendemos 15 Kgs. deles por 1.826\$00. E continuamos a recolher.

Parece que os Lactários fornecem só produtos lácteos. O de Ordins não. O Pobre e o Doente precisam de se alimentar. E se tivessem também um bocadinho de carne? Nós temo-la, quando precisamos. E eles, porque não? Daí o nosso Lactário ter um «Serviço de carne», que tem valido a muitos necessitados. Nem sempre as coisas correm da melhor forma. Assim, porque um Pai estava desempregado por doença, começou a dar-se-lhe 10\$ de carne semanais, para poder, quanto antes, recuperar o seu lugar. Mas ele em casa repartia por todos... Noutro lado, acontece que uma gestante beneficiada ferve a carne à parte e não aproveita a água da coção...

Finalmente alguns números. O Lactário nasceu em Outubro de 1954. Até ao fim do ano distribuiu 131 l. de leite de vaca e um pacote de farinha, no valor de 267\$00, tendo o Lactário pago 212\$ (79,4%) e os assistidos participando com 55\$ (20,5%).

Em 1955 chegamos a 1.733,25 litros e uma despesa de 3.169\$81, coberta pelo Lactário com 2.417\$21 (76,25%) e pelas participações num total de 752\$60 (23,74%). Se houve meses em que se dispendeu 58,50 l., noutros, porém, 234. Se uns receberam diariamente 0,250 litros, outros 1,250 l. No mínimo socorremos três famílias por mês. No máximo 13.

Quanto a leite condensado, não pudemos ir tão longe, pelo preço dos produtos. Mesmo assim, gastámos 153\$30, totalmente cobertos por uma benfeitora.

Sempre a subir, atingimos em 1956 os 2.033,70 l. de leite. Houve uma despesa de 2.581\$51, tendo entrado o Lactário com 2.146\$51 (83,14%) e os assistidos com 435\$00 (16,85%). Se meses com 100 l., outros a passar dos 200.

Se a alguns Pobres demos apenas, 0,250 l. a outros 1,50. Se a máxima foi de onze famílias socorridas por mês, a mínima foi de seis.

O «Serviço de carne» tem, igualmente, progredido. Desde Abril a Dezembro de 1955 pagou 248\$80 de carne para os Pobres e Doentes. No ano transacto, ascendeu a 821\$ a despesa e, neste ano da graça de 1957, preparamo-nos para subir aos 1.000\$00.

Aqui se deixa tudo explicado. Quem «quiere» fazer alguma coisa supera as dificuldades que lhe aparecem no caminho. Quem «nada quiere» realizar é vencido pelas mesmas. A vontade tem, pois,

CAMPANHA DOS CINQUENTA MIL

O pai do «r'abião», torna! A carta é um monumento e segue tal qual. Até a ortografia. Assim, tem mais beleza; a beleza toda, ainda que os «puristas» digam que não. Ela aqui está:

«Eu o Pai do Fabian que se deve de lembrar de mim última vez que aí estive. Foi pelo Natal cumprimentame-nos e eu muito umildemente me dereji ao Senhor como leio nos jornais do Gaiato a Campanha dos 50.000 mil cá estou a au-celiar além dos que já enviem que deve de ser com certeza do seu conhecimento vou agora enviar mais três com muito prazer. Pois como lhe disse que a vezinhança era pobre. Mas não minto é quem mais me pede para ser assinante do Gaiato. E eu a todos arecebo de braços abertos dizendo a todos uma boa ação.

Estes são os que para agora posso enviar na próxima carta que escrevo devo ter mais algum. O semestre apróxima-se e todos estes que eu envio dizem pagar de boa vontade os quinze escudos por semestre aixó que me ispelicou se algum poder dar mais eu o enviarei par aí comprindo assim não uma obrigação mas sim um dever que por essa casa tenho sido bafejado e não esqueço que em prole da mesma tenho que trabalhar. Junto desta um pedido meu para me enviar os jornais da quinzena passada pois que os meus assinantes consome-me o bicho do ouvido por não ter recebido está a aproximar a segunda entrega e sem receberem os da quinzena passada.

Como estou comprometido em fazer a cobrança para Junho eles também querem ter aregalias de receberem o jornal.

Com isto termino enviando os meus repetidos cumprimentos. Eu pressisaria de um papel de tamanho de 1 metro para dizer tudo quanto o meu coração deseja referente a essa casa».

A bicha é um nunca acabar de gente. Tanta, que nem tempo, nem vagar, nem espaço há para registar tudo e todos. O que vai é escolhido à sorte no monte de correspondência diária que o Roque cheinho de paciência — entoando canções e fados! — avia e despacha nem sempre bem... mas isto é fruto do nosso trabalho a cantar, próprio da nossa «desorganização organizada».

O Pároco de Manigoto manda um postal com gente fresca. A propósito há que dar graças a Deus por outros párcos, noutras terras, darem por bem empregado o tempo que dedicam à Campanha de novos assinantes pró «Famoso». O Pároco pode ser um grande — o maior — auxiliar desta cruzada. Queira Deus possamos oferecer mais e boas notícias. E porque não?

A tão falada Casa Minerva, de Santos—Brasil, é uma excepção. É sim senhor. Primeiro, a organização. Segundo, a assiduidade. Terceiro, o amor. Que tem «O Gaiato» capaz de produzir tamanha generosidade, em corações tão distantes da nossa querida Pátria?! É Cristo. Cristo Jesus Crucificado, presente, à nossa espera, na pessoa do Pobre. É aqui, senhores, é aqui que reside e se produz este brotar contínuo, inexgotável, de generosidade. O sofrimento imerecido de legiões de padecentes gera, tem de gerar, de produzir mananciais de generosidade. Haja trombeta e não falta quem acorde, quem acredite, quem se doa, quem acompanhe, quem vá de encontro a Jesus Crucificado dia a dia, hora a hora, mesmo a nosso lado, quiçá, no mesmo prédio e talvez no mesmo andar.

A esfregar os olhos segue o Alentejo com uma deputação. Damos conta de ter recebido uma lista com nomes de Serpn, Beja e S. Domingos da Serra. Quem dera que estes novos assinantes se entusiassem e saibam transmitir o fogo a outros e outros e outros. Quem dera! É exigir demais? Não. O Alentejo, o Algarve, são províncias que mal nos descobrimos. E se descobrem e se entusiasmam, oh Alentejo, oh Algarve! Que mundo novo e novos horizontes descortinam!...

Agora, amigos, vem lá o Barreiro. Se conhece terras e gentes, se conhece Portugal, o leitor sabe qual a importância do Barreiro na vida do país. Pois é verdade, o Barreiro está, hoje, mais feliz que nunca. Tudo isto por via dum homem bom, um agente técnico, que se resolveu e deu uma voltinha por todos os que giram à sua volta. Tudo contadinho a coisa anda por 32 novos assinantes! Que tal? «O Gaiato» no Barreiro; que revolução nas almas!...

Até aqui, um pouco do muito a publicar. E o que vai escondido?! Oh valor! Quantos e quantos sob a bandeira do anonimato realizam sacrifícios sem conta, nem peso, nem medida: «É um! Foi o que pôde ser. Não revele o meu nome». E são dezenas. E centenas. A vanguarda. A certeza de que vamos prós cinquenta mil!

Júlio Mendes

Chales de Ordins

Caminhamos a passadas de gigante. Isto no inverno. Nas outras estações, tudo lentamente. Estamos nos 2.000. Não nos interessa, contudo, o número, mas, sim, garantir o pão de cada dia. Temos sido instrumento de Deus. Pois bem, queremos continuar a sê-lo, para que, quanto de nós depende, «o pão de cada dia nos dai hoje» não seja rogado em vão. Ora acontece que, sendo 23 as famílias das tecedeiras de chales, precisamos de quatro encomendas diárias, para que cada família tenha, pelo menos, um chale a fazer por semana. Muito pouco é, mas nem isso tem havido, desde Fevereiro. Não sabemos como fazer, sem encomendas. Como sustentar esta gente? Como continuar no resgate de algumas tecedeiras? Abandoná-las? Os Senhores respondam.

Padre Aires

de nascer naquele momento em que se vê a necessidade da obra. Qual o Pai, digno do nome, que não provê aos seus filhos? Qual o irmão

aos irmãos? Nós, cristãos, temos de sair do nosso egoísmo, para que o mundo creia em Jesus Cristo.

Padre Aires

Casas para Trabalhadores

Educar no trabalho e pelo trabalho, educar na responsabilidade e pela responsabilidade, educar na união e pela união. Mais que dum movimento de beneficência trata-se dum meio de educação.

Todos os rapazes da equipe que resolveram fazer as suas casas por eles mesmos hão-de ter a mística do trabalho, feito com entusiasmo, com paixão. Sem trabalho não há formação. O homem foi criado para trabalhar como a ave para voar. Quando reduziram as horas de trabalho e não proporcionaram maneira de utilizar bem o tempo restante, os dirigentes, embora tivessem as melhores intenções, prestaram um péssimo serviço. Queremos conhecer bem um rapaz ou um homem?

Vejamos como passa as horas livres. Sejamos sinceros. As horas livres para a grande maioria dos nossos trabalhadores tem produzido efeitos detestáveis. Bem sabemos todos que tem sido assim. A vida da taberna, de café; os passeios sem finalidade; a crítica injusta, pouco inteligente e maléfica, sobretudo a convicção de que a vida é fácil, que os seus problemas, são simples e de que os outros são os grandes responsáveis dos nossos males. Como há tempo, vamos falando de tudo com atitudes de Mestres, até de Profetas, sem nada conhecer. Dar uma ocupação nessas horas mortas — diríamos melhor nessas horas de morte — será também distribuir pão.

Também a fuga às responsabilidades é frequente. «Os outros — hoje, sobretudo, o Estado — é que nos hão-de resolver os nossos problemas». Tem havido muitos factores que formaram esta mentalidade de homens demitidos. De homens que esperam a solução das suas dificuldades do resultado duma lotaria, outros da protecção dum padrinho, dum trunfo da política ou da indústria, ainda outros tudo esperam do Estado. Tudo isto é fugir às responsabilidades, tudo isto é diminuir a personalidade humana. O indivíduo diminui o seu valor, a própria capacidade de realizar e tem uma fé mal fundamentada na organização onipotente ou no Governo-Providência. Mas não há organizações sem Homens, não há Estado sem Cidadãos. O rapaz que fizer a sua casa é, só por esse facto, um valor. Acrescentou alguma coisa ao património nacional, contribuiu com a sua parte para haver famílias melhores. Sobretudo, preparou o seu carácter em ordem à responsabilidade de todo o indivíduo, qualquer que seja a sua condição económica, a sua cultura, ou a sua profissão.

Praticamente fez a defesa da união, viu que essa união é uma força e que o homem, só, não poderá resolver as di-

fículdades que todos os dias aparecem.

Está preparado para a cooperação, para o corporativismo autêntico, para engrenar útilmente em organizações de recreio, de piedade, de assistência, de produtividade. Pelo menos será mais fácil a estes trabalhadores colaborar numa sociedade orgânica, num mundo organizado. É que estes rapazes mataram o egoísmo e o individualismo na verdade dos anos. O movimento de casas para trabalhadores pelos próprios trabalhadores dará uma nova mentalidade a muitos jovens portugueses. É urgente que se constituam grupos destes em Portugal inteiro.

Padre Fonseca

Tribuna de COIMBRA

Nesta época do ano temos que apertar as mãos na cabeça e afligir-nos mais com as nossas contas. A agenda que regista aquilo que nos dão tem muitas folhas em branco.

O que nos vale é que temos a certeza de que Deus vem em nosso auxílio no momento oportuno. Aliás, tínhamos de tapar as bocas e os nossos pobres tinham de voltar das nossas casas de mãos vazias.

Assinaturas pagas no Castelo e no Porfírio Delgado; roupas e sapatos pelo Governo Civil; seiscentos da mão dum Professor; trezentos que uma Senhora mandou buscar a sua casa; as várias coisas de mercaria que o Senhor de todos os anos cá veio trazer; cem deixados na Sé Velha; quarenta dum novo sacerdote. Foi o primeiro dinheiro que recebeu e não quis ficar com ele. Que Deus lhe dê esta graça de ser sempre pobre.

Cinquenta à mão no dia de dez anos de casados; cem por duas vezes duma funcionária dos S. M.; vinte a um vendedor para uma mãe pobre; duzentos do Governo Civil; roupinhas da Figueira da Foz; vinte de Cantanhede, de quem passou; cinquenta dum subscritor em Lisboa; duas camisolinas de lã pelo correio; cinquenta do primeiro ordenado para uma telha do Lar dos Pobres; vinte na minha mão, no Castelo; setenta dum objecto de ouro que foi achado; setenta de Serpa; uma caixa de conserva, lembrança do casamento; duzentos duma aflição, entregues à porta de Santa Cruz; vinte para o Calvário.

Cinquenta em carta; cem de Torres Novas; o mesmo de visitantes de Cartaxo; igual quantia doutros visitantes; um cabrito de Coimbra para dia de Carnaval; cinquenta a pedir uma intenção da Santa

Facetas de

UMA VIDA

— Continuação da pág. 1 —

havia feito e o médico, emocionado, assentiu:

— Foi talvez isso que o salvou.

X X X

A Senhora D. Maria Monteiro de Aguiar confirma uma nota já aqui referida por seu irmão Joaquim: a precocidade da devoção do pequeno Américo pelos pobres. Andava muito por casa deles e sofria de os ver em apuros. Observava tudo e vinha contar à mãe.

— Oh! mãe eles não têm isto, eles não têm aquilo...

E começava a sua ronda ao bragal, ao armário do pão e à salgadeira.

A mãe observava-o de longe e advertia:

— Deixa estar o que está!

Mas desviava-se e no seu íntimo ficava contente e dava graças a Deus por ter um filho assim.

Deixava-o manobrar à vontade e não intervinha quando o via sair de abojada entusiasmada. Era tida por todos como uma bondosíssima e santa senhora. Quando algum pobre, tomago de escrúpulo, vinha acusar-se do que tinha recebido, tranquilizava-o naturalmente com o dito corrente:

— Que lhe faça bom proveito!

Padre Avelino Soares

Pelas Casas do Gaiato

PAÇO DE SOUSA

— Agora o tractor. Por sua causa se têm armado grandes sarilhos. Ele práqui, ele prácolá, para baixo, para cima, sempre ele a rolar. Serafim ao volante, uma grande dúzia deles em cima e vamos embora...

É um grande desassossego!

Depois são as baterias, os pneus, tudo doente! Quem foi?

— Ai, eu não?

— Se calhar fui eu pá?!

— Vocês fazem as coisas e depois deitam-me as culpas para mim. Não te apetece mais nada?

E isto todas as horas. Todos os dias. Todos os meses. E ele sempre adoentado, nos consultórios, que são as garagens e lá chegará o dia em que terá de andar descalço, sem sapatos e sem meias!...

Senhor Padre Carlos chamou os culpados à pedra. Que não, Que não senhor. Que isto não podia continuar assim. Ele só, custou mais que os outros dois carros juntos. Concluiu com certa ironia:

— Quem quiser brincar, vou a um bazar e trago tractores de meninos...

— Agora um pedido. É um comprovador. O Abel, como por mais do que uma vez tenho dito que é o mais apaixonado columbófilo, anda-me sempre a morder a paciência.

— Anda. Põe no jornal.

— Os leitores não estão para te aturar.

— Oh... Tu é que não queres pedir. Põe no jornal e depois verás eles a aparecerem aí. Anda lá...

Ele atira-se para o cronista e este para cima dos leitores até eles ouvirem.

Gosta muito de pombas, mas não se lembrou do mais apaixonado de todos, o Carlitos, que agora se encontra na Casa do Tojal. Porém lembro-me eu e os leitores também se hão-de lembrar. E para aferroarem o Abel, haviam de mandar primeiro para o Carlitos!...

Daniel Borges da Silva

BEIRE

As nossas obras vão andando para a frente.

— Morreu o nosso doente do Calvário, o «General», que era muito

doente e que tinha ido para o Porto tratar-se. Mas como estava muito doente faleceu, passando para a eternidade para onde todos nós temos de ir.

— Na semana passada tivemos cá a almoçar visitas de cerimónia. A senhora mandou o «Zé Maria grandes» a Paredes, fazer as compras, mas como queria apanhar a camioneta, fez as compras mal. Porque em vez de trazer meio quilo de cenouras trouxe meio quilo de açúcar, devido à falta de bicicleta. Porque se tivesse a bicicleta trazia tudo certo. Caros leitores, já o cronista do ano passado tinha dito com ordem do nosso querido Pai Américo, que quando os benfeitores quisessem mandar alguma coisa para nós e para o Calvário, não tivessem medo. É Casa do Gaiato de Beire — Paredes. Porque o senhor Padre Carlos vem cá e toma à mesma conta, porque assim acaba de fazer uma senhora de Oliveira de Azemeis, que deu um rádio para os nossos doentes do Calvário.

Zéquita

TOJAL

— Os nossos balneários estão a ficar bonitos, até parece que estão a pedir banhos o mais depressa possível. A canalização já está feita com aquecedor pronto a funcionar. Estamos ansiosos pelo dia em que os acabamentos nos proporcionem um grande duche.

— Nestes dias primaveris não temos com que nos distrair nas horas de folgar, pelo motivo de não termos bolas. Só se vêem rapazes aqui e ali deitados na erva depois do comer, coisa que nos faz muito mal. Se houver alguém que nos queira enviar alguma bola de borracha, desde já agradeço em nome dos meus colegas.

P.S. — Os rapazes das oficinas andam muito acabrunhados e querem saber a razão? Há muito que as máquinas já cá deviam estar mas, por atraso, a energia eléctrica ainda não está estabelecida e o Senhor Padre Baptista cansado de tanto pedir a desejada. Mas a Câmara de Loures ainda não se resolveu a satisfazer a nossa necessidade. Quando se resolverá?

Oscar Manuel G. da Silva

Do que nós necessitamos

Acabo mesmo agora de escrever «Calvário», comunicando três testemunhos de Fé e Caridade e logo dou com outro ao tomar o arquivo dos donativos donde fazemos esta secção. Ora ouçamos:

«A Mãe que crê em Deus tem a felicidade de poder mandar, nesta data, 100\$00 para dois velhinhos, dos mais infelizes do Barredo. É que esses 100\$00 são do aumento que meu filho teve agora. Há pouco mais dum ano num Banco, foi aumentado, o que veio melhorar a nossa vida, o que tão necessário se tornava dado que como professora oficial o meu ordenado é por demais pequeno para poder viver»

Missa e para o pobre do jornal; cinquenta do Buçaco para o doente dos pulmões, de alguém que se aflige e que pede pela alma de sua chorada irmã; um cobertor de Loriga; laranjas e pão de Figueira de Castelo Rodrigo; cinquenta duns senhores que vieram trazer um pequenito; e esta carta trazida ao Lar:

«Sou estudante e cumprio o Serviço Militar. A importância que junto envio foi o primeiro ordenado que recebi. Resolvi oferecê-lo à Obra por que tenho mais apreço, desejando que Deus me aceite esta pequenina oferta e me auxilie no futuro».

Assim seja.

Padre Horácio

sem ralações, pois graças a Deus não tenho dívidas. Mas quanta luta, quantas privações, às vezes, para viver dignamente de cabeça erguida».

Vidas heróicas, vidas escondidas em «tanta luta... para viver de cabeça erguida», sem ninguém dar fé!

Um anónimo foi à igreja paroquial de V. N. de Famalicão e deixou 3.000\$ ao Snr. Ahade para nos entregar. Outro pediu o mesmo a uma assinante e aí vêem 100\$00 «por alma de António Lima Tavares».

Mais 100\$ da Manolita e Jorge e o dobro da Ponte do Sol e outros 100 de um que diz assim: «O remetente envia e os Senhores gastam; pode porventura o primeiro adivinhar as vossas necessidades? Dar para determinado fim, e só para esse, é dar com reserva; é atrair um bom pensamento inicial?» Este é cá dos nossos.

Um corte de calças da Figueira da Foz e muitas formas para a nossa sapataria da Rua do Lindo Vale e 5\$00 em selos deixados num estabelecimento do Largo da Lapa.

Um grupo de 4 foi jogando bridge, pacatamente, ao longo de cinco anos e fazendo a conta de quanto andaria se o jogo fosse a dinheiro.

Ora fechadas as contas, dois deles mandam a sua parte: 1.175\$00.

Uma modesta lembrança «da Maria Edith de Lourenço Marques e uma migalhinha» de 100\$ da Beira e agora é a Costa Ocidental com outros 100\$ da Octávia.

Nós nunca angariámos cotas, nem sócios, nem nada dessa hierarquia tradicional de protectores que se vulgarizou contra o preceito da mão esquerda não ver o bem da direita. Daí que mais sabor achemos a estes devotos que livre e espontaneamente

se obrigam à «mensalidade». Desta, estão aqui o Pessoal da Mobil Oil com 58\$50 e o E. D. M. com duas remessas de 50\$ e 20\$ da Rua da Corticeira e 550\$ «correspondentes a onze meses em que, por complicações da vida não me foi possível enviar nada para aí ou para a Casa do Tojal, como às vezes também faço».

20\$ para as Criaditas dos Pobres e o mesmo do mesmo para o mais necessário. É a Joannisberg, pois. Ela tem andado muito esquecida dos leitores. Hoje tem aqui um único donativo expresso para ela. São 100\$00 de «uma mulher de Palmela». E reserve-lhe outros 200\$ duma oficina de Torres Novas «para a necessidade que entenderdes». Ora feitas as contas temos 320\$. Que é isto para uma máquina de 400 contos dos quais só juntámos até agora 53.020\$00?

Outra vez Oliveira de Azemeis com camisas de riscado. E 20\$ «por alma de meu filho» e o mesmo de G. L. e outros do Porto e dez vezes mais da Rua P. e José Pacheco do Monte e 500\$ duma senhora estrangeira, em acção de graças e a décima parte da Casa do Pombal e um saquinho já conhecido das costureiras do Hospital de Santo António com 5\$00+25\$00.

E, acompanhando sua esmola, este grito de uma alma grande que faz feliz o Exército que o conta nas fileiras:

«Primeiro que tudo agradeço, na pessoa de V. a uma Obra que me dá oportunidade de fazer viver, por umas horas, a um grupo de soldados que aí levei, um ambiente e um ideal que é lição que lhes perdurará, por certo, mais do que todos os conselhos que houve ocasião de lhes dar durante o seu período de serviço militar».

Com que saudade — com que emoção — eu recordo a visita feita no ano anterior e as palavras tão simples, mas tão singulares e penetrantes do Pai Américo. E como este ano, a Sua presença surge a cada canto da Casa do Gaiato!